

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**ARIANI ALENCAR JOÃO**

**MEMORIAL ACADÊMICO: TERRINHA  
BRINCANTE**

**MATINHOS  
2022**

ARIANI ALENCAR JOÃO

MEMORIAL ACADÊMICO: TERRINHA  
BRINCANTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de PÓS-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista em Educação.

Orientadora: Profa. Esp. Valéria Aparecida Bressiaini

MATINHOS  
2022

## RESUMO

O presente trabalho discorre sobre a realização de um memorial acadêmico, onde realizou-se vivências pedagógicas no município de Matinhos, litoral do Paraná, por meio da cultura popular, oportunizando a interação entre crianças de uma comunidade ocupante de uma região marginalizada e pesquisadora. Atividades envolvendo arte com técnicas naturais, teatro, dança, agroecologia foram temas das atividades que proporcionaram o acesso dos bens culturais às crianças e familiares. Vislumbrou-se o aspecto intergeracional mediado pela pesquisadora na busca por romper o preconceito e promover a troca de conhecimento valorizando a cultura local na busca por uma educação contra-hegemônica, que vai além dos muros da escola.

**Palavras-chave:** Agroecologia. Crianças. Vivências. Comunidade.

Memorial Acadêmico Ariani Alencar João  
Especialização Alternativas para Uma Nova  
Educação – ANE 3 Universidade Federal do Paraná,  
campus Matinhos  
Matinhos, 22 de junho de 2022

**“A educação é um ato de  
amor, por isso,  
um ato de coragem”. Paulo  
Freire**

### **Um pouco sobre a minha vida pessoal e acadêmica até chegar na ANE**

Sou filha única da Ada Alves Alencar, mãe solteira, guerreira que sempre me criou, me ensinando a ser independente e correr atrás do que eu gostaria pra minha vida, dando liberdade nas minhas escolhas pessoais e profissionais desde sempre. Não cresci sendo educada pelo meu pai e só fui o conhecer com 19 anos de idade e pude me reconhecer em muitos aspectos nele, principalmente no gosto pelos estudos sociais e místicos. Sou nascida na capital de São Paulo, assim como a minha mãe, e por lá vivi até meus 22 anos. Cursei a faculdade de Jornalismo, na Faculdade Paulus de Comunicação, Fapcom, em SP, de 2009 até 2013 e lá, entre diferentes empregos, fui bem marcada pelo estágio na área de Comunicação Social que fiz na editora 2D Comunicação (único na área). Sempre gostei de estar entre as pessoas, conversar e conhecer diferentes culturas. A comunicação para mim fazia muito sentido, pois tinha o sonho de ir para as ruas conversar com a população, estar entre movimentos sociais e de rua, trabalhar em rádio e escrever meus textos e pesquisas.

Quando criança, eu adorava cantar em karaokês e pela casa, sempre ouvindo muita música com a minha mãe, além de desenhar, dançar nos aniversários. O gosto pela pintura, o movimento do corpo e do som me acompanhou até a adolescência e a vida adulta, na capital

paulistana, onde eu sempre ia para shows e apresentações artísticas diversas. Também brincava de dar aula, montava escolinha na minha casa com recreio e aulas de inglês também, mas fui crescendo com muita insegurança sobre a possibilidade de ser professora e me dedicar à arte. Eu não me encorajava a ponto de me reconhecer uma pessoa que teria algo a ensinar para as pessoas.

Então, cursos de licenciatura eu me afastava, porém no decorrer dos anos de trabalho e estudos, fui me sentindo desmotivada na área e sem propósitos maiores na minha vida pessoal e profissional. Na verdade, eu não tinha muitas escolhas entre trabalhar para ajudara minha mãe pagar as contas e estudar para ser “alguém na vida” e ter a oportunidade de obter um diploma de graduação, no qual minha mãe não conseguiu adquirir. Sendo assim, mesmo cansada da rotina delirante e frenética de SP, eu resolvi não desistir do diploma e continuar o processo até o final. O que sempre me alimentou e preencheu emocionalmente na capital era poder viver e sentir a Arte e as pessoas na rua, nos finais de semana, através de shows musicais, encontros artísticos em praças, cinema, exposição e peças teatrais, mas principalmente, baladas a noite para dançar com amigos. Esse era meu momento de encontro com a minha essência e alma arteira aventureira.

No último ano da faculdade de Jornalismo, eu estava namorando uma pessoa que também tinha vontade de sair de SP, com o objetivo de estudar fora e conhecer outros lugares e culturas. Na época, ele conheceu alguns estudantes de Agroecologia da UFPR litoral, que comentaram sobre a proposta do ensino diferenciado de Paulo Freire na universidade. Pensar nessa possibilidade pra mim era um grande e utópico sonho e me via muito distante de realizá-lo, pois além de me achar incapaz de passar em uma federal, pois sempre estudei em escola pública e não me sentia segura dos conhecimentos que tive durante a vida escolar e, ainda, não imaginava como poderia ficar longe da minha mãe e deixá-la sozinha na cidade, até porque eu a ajudava financeiramente e sou filha única.

Porém, o chamado estava cada vez mais forte para sair da cidade e viver uma nova vida; e terminando o TCC de Jornalismo, esse ex-companheiro e eu prestamos o vestibular em 2013 na UFPR litoral. Eu nunca tinha prestado em federal e não tinha estudado muito, mas até que de repente, sonhos com mar e grandes ondas se intensificavam e pelo mar eu estava sendo chamada. Até que veio a resposta positiva do vestibular e me vi sem saber o que fazer, pois

estava gostando do meu estágio e do meu chefe amigo querido, mas lá dentro a voz da Ariani aventureira, faminta pela loucura de se movimentar na vida me dizia:

- abandone tudo e só vai!! Foi a primeira grande transformação da minha vida. Aqui em Matinhos aprendi a me olhar, e me encontrei como ser terráquea criativa que sou. Foi a primeira grande iniciação da minha vida eu diria, com 22 anos de idade. (Aos 27 fui mãe, aí a segunda e mais potente delas). Fiquei surpresa, em êxtase e sem saber o que fazer, mas resolvi deixar tudo e viver uma nova vida sem pensar muito. Vim estudar Serviço Social porque sempre fui muito ligada às questões sociais e acreditava ser meu caminho profissional, mas cursei apenas 1 semestre e percebi que não dialogava com o que eu

pensava ser da área e então, como sempre fui amante da Arte e da Criatividade, eu, mesmainsegura ainda sobre a questão do educar e ser educadora, me vi tentando transferência de curso através do Provar e consegui a vaga na turma de 2013.

A partir dessa troca de curso para Licenciatura em Artes, a minha vida mudou completamente e eu fui me descobrindo cada vez mais nas linguagens artísticas, principalmente nas Artes Visuais e na Dança, que sempre amei quando criança. Cada trabalho feito nos módulos e referências de artistas, eu me apaixonava e sabia que era uma das áreas que eu realmente deveria estudar e vivenciar, pois alimentava não só meu intelectual, mas a minha alma. Eu sou movida pela criação, adoro explorar minha criatividade e não vejo sentido na minha vida mais sem a Arte. Com a arte na educação eu entendo que faz parte de uma das missões terrenas que tenho nessa vida e mesmo não me achando uma professora 100% eu acredito nesse trabalho como fonte de grande aprendizado de evolução pessoal na minha vida e de que devo compartilhar com todos para que explorem o Ser Criativo que habita em todos os seres. E a Arte pra mim é uma das principais ferramentas de autoconhecimento e expressão que existe.

Durante o curso participei de diferentes Projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão, como sendo bolsista do PET – Programa de Educação Tutorial, Conexão e Saberes das Comunidades do Campo, de set. de 2014 até março de 2015. Também bolsista no Programa de Formação Continuada para Professores da Rede Pública – Gestão e Processos em Educação, Diversidade e Inclusão, onde atuei como redatora dos encontros dessas formações pelo litoral paranaense até março de 2016. Ainda, bolsista do PID – Programa de Iniciação à Docência, como monitora do módulo Surgimentos das Expressões Artísticas, com pesquisa, planejamentos e execução de aulas. E outros mais.

No começo de 2018 eu terminei o curso de Licenciatura em Artes e em julho do mesmo ano comecei a lecionar como arte-educadora na

Escola Maria Nelly Picanço, a APAE de Paranaguá, local onde fiquei até março de 2021. Esse trabalho foi um dos grandes desafios que vivenciei profissionalmente até o momento dentro da área da Educação. Trabalhar com a Educação Especial é desafiador tanto no âmbito do educar como do psicológico e emocional, que por muitas vezes se misturam nas aulas. (Claro que vivenciamos na Educação isso de um modo geral, mas com crianças de múltiplas deficiências, deficientes intelectuais, síndrome de down e autistas todos juntos, a situação se intensifica e exige de você ações e sentimentos que para mim, foram de extrema importância para o meu crescimento espiritual, mental, emocional e profissional).

Já no começo de 2021 ingressei no curso de especialização de Alternativas para Uma Nova Educação – ANE, turma 3, da UFPR-litoral. Desde a primeira edição do curso eu já me interessei simplesmente por ter a palavra Alternativa, que é algo do que eu sempre acreditei que deve ter na educação tradicional brasileira. Precisamos de alternativas e caminhos diversos para nutrirmos e manifestarmos a educação que educadores como eu, acredito, que é a educação que se diz, utópica, contra o sistema, revolucionária, humanizada. E sim, quem acredita nesse caminho deve caminhar por ele e fazer acontecer o que vive no coração e aqui estou, buscando transformar como eu posso e entendo o mundo em que vivo, ou pelo menos, meu entorno.

Ao me conhecer cada vez mais e estudar arte, educação, cultura, espiritualidade e tudo mais, eu pude perceber o quanto eu tive uma educação mais tradicional e limitada, no ensino público e que me privou de certo modo o acesso maior ao estímulo da minha criatividade e de outras crianças e jovens. Por estar estudando a arte-educação, fui aprofundando-me nos assuntos sobre diferentes tipos de estudos e vertentes educacionais, como a Libertária, a de Paulo Freire, a Montessori, da Ponte, Waldorf, a do Campo, do Terceiro Setor, da Comunidade, dos Indígenas e outros estudos alternativos. Portanto, esse caminho do “incomum, fora do padrão”, sempre me chamou a atenção e me motivou no trilhar como educadora. E a minha entrada na pós se deu através dessa busca, em manifestar um projeto cuja ideia era trabalhar uma educação humanizada, em um local muitas vezes invisibilizado por educadores, que é uma ocupação urbana.

### **Do Mundo das Ideias para a Matéria - Nascimento do Terrinha Brincante**

O nascimento do Terrinha vem desde os anos de universidade, entre Bruna e eu, quando conversávamos sobre projetos, sonhos, arte, buscas da vida e milhões de outros assuntos. Uma grande parceira da educação e da vida, que fui me aproximar porque estudamos na

mesma sala no curso de Licenciatura em Artes. Ela e assim como outras mulheres maravilhosas me mostraram um lado do feminino libertador, acolhedor e verdadeiro e essa mudança foi bem significativa na minha caminhada até chegar aqui. A minha vivência de turma foi muito especial, pois fiz muitas amizades importantes e que me mostraram um outro lado da vida, uma expansão de consciência, uma autoconfiança e mais certezas que dúvidas, e, é claro, muita arte na veia que me alimentou e alimenta até hoje pra todo o sempre.

E esse projeto ainda no mundo das ideias desde alguns anos começou a se concretizar devido a oportunidade que tive como projeto de entrada para o curso da ANE 3, turma de 2021. Eu busquei como proposta do projeto, trabalhar a vivência da Arte através de oficinas atividades entre crianças presentes na Ocupação da Vila Bom Sucesso no contra turno da escola. Porém depois de trocar com as amigas Day e Bruna e propor de fazermos juntas alguma ideia, conversamos sobre os objetivos dos projetos, resolvemos tentar fazer acontecer algo juntas, abarcando a essência de cada um individualmente, mas se apoiando e trabalhando em conjunto. Tivemos nosso primeiro encontro na casa da Bruna, dentro do território onde propomos conhecer e interagir na companhia de um café e uma boa prosa sobre essa ideia de ação educativa na comunidade.



Depois desse primeiro encontro fomos dialogar com os pais e responsáveis das crianças e moradores da ocupação, onde é conhecido por ser a sede do Coletivo de Convivências Agroecológicas, de Matinhos. onde atuam com hortas comunitárias, bioconstrução, compostagem e jardinagem entre outras frentes. Na reunião conversamos sobre a ideia desomar com o espaço com as atividades, conhecer o que já acontece no espaço, cadastrar crianças, organizar datas e horários e local de uso para o projeto, entre outras.



A ideia foi super bem acolhida por todos e após alguns dias nasceu o Terrinha Brincante, em outubro de 2021, que é uma proposta de educação não-formal com base na Educação Popular, idealizada e realizada por nós três, que busca disseminar e construir vivências baseadas em três eixos: Arte, Agroecologia e Cultura Popular no território. A ideia é interagir com a comunidade na busca de ouvir suas necessidades e propor práticas respeitando o território e seus saberes e contribuindo com atividades artísticas e ambientais que possam fortalecer o espaço e a comunidade. A intenção é levar o acesso ao conhecimento e a prática da arte e da cultura popular para as crianças e ainda o estímulo ao lado criativo de todos, mostrando-os que podem aprender em liberdade dentro do lugar que vivem com criatividade e respeitando à Mãe Terra.

Importante enfatizar aqui que a educação não formal não descarta a relevância da formal, mas traz perspectivas diferentes, dialogando diretamente com a realidade dos indivíduos e de suas comunidades. Nesse sentido, este projeto buscou alternativas didáticas que gerassem maior liberdade de ensino-aprendizagem, interesse, motivação e valorização da criança. Os eixos escolhidos e vivenciados através da Arte atuou como condutor de novas

experiências, buscando contribuir com a educação e com os diferentes processos criativos dos sujeitos ali presentes.

Cada estudante educadora contribuiu com áreas de maior interesse e conhecimento no projeto, eu com práticas das artes plásticas, visuais, movimento corporal, brincadeiras, e de expressão no geral, Bruna com a linguagem musical, corporal também e as brincadeiras populares e a Dayane com a linguagem audiovisual e as vivências do Cineclube e oficinas audiovisuais. A seguir apresento as três vivências que tivemos no segundo semestre de 2021 e que foram impulsionadoras para essas próximas que virão, porém em um formato diferente do que havíamos planejado, mas logo após os relatos explicarei melhor essas mudanças.

## ENCONTROS 2º SEMESTRE 2021

### 1. 1º encontro (28.10. 2021) Cineclube no Chalé



A primeira vivência ocorreu dia 28 de outubro de 2021, no Chalé, casa localizada na ocupação onde vive uma família, cuja criança, o Bryan também participou da oficina. Nesta dia resolvemos trabalhar com arte natural e sensorial, que eu propus, e filmes relacionados ao Meio Ambiente e a Arte que a Dayane separou. A atividade começou com a apresentação nossa e das crianças e depois a Dayane propôs a exibição do desenho “Caminho dos Gigantes”, que fala sobre Oquirá, uma menina indígena que vive em uma floresta de árvores gigantes e desafia seu destino no ciclo da vida. Assistimos depois um vídeo curto chamado, “Mandalas na Natureza”, curta que integra o Projeto Infâncias Plurais do Instituto Alana e do Itaú Cultural, onde aborda a visão da criança e sua interação com a natureza.



Para acompanhar a cinelândia, tivemos a companhia da pipoca, do chá mate e de muita alegria. O encontro teve em torno de 10 a 12 crianças de 3 a 12 anos de idade. Foi super proveitoso e surpreendente em relação a interação de todas as crianças entre nós e entre elas. Depois do filme conversamos e adoraram falar entusiasmados sobre os filmes preferidos, os personagens e as partes que mais gostaram dos vídeos assistidos. Para nós do Terrinha Brincante, ter o relato das crianças é importantíssimo, porque além de poderem se expressar livremente, também podemos conhecê-los melhor e entender se está fazendo sentido as propostas artística-pedagógicas. Após as discussões, foram desenhar e pintar cenas escolhidas dos filmes, como árvores, casas, jardins, florestas, entre outros.



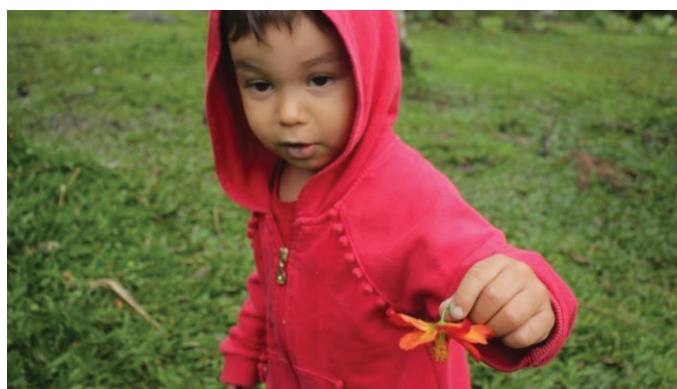


Em segu  
sobre n  
ocupaçã



orial em relação ao vídeo  
ar na parte externa da  
e

galhos para a montagem de uma mandala com esses elementos. Primeiro houve a observação e interação das crianças com a natureza, onde deixamos-nos livres pelo espaço para explorarem o que desejavam daquele ambiente. Momento mágico onde eu pude perceber como a criança se sente feliz estando ao lado da natureza. Cada descoberta de uma flor nova era um momento de alegria entre eles, que vinham correndo ao nosso lado mostrar os elementos naturais que colhiam pelo chão.



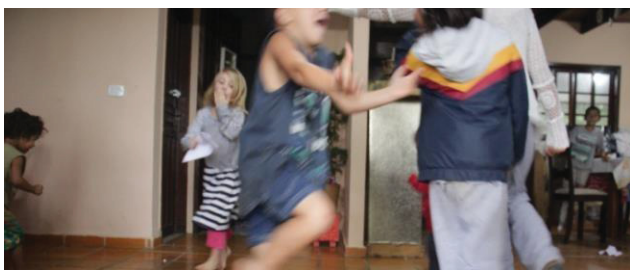
Para mim, a arte natural e sensorial tem tudo a ver com o território que os cerca, repletos de elementos vivos para práticas artísticas e de observação da natureza. Eles já vivem em um ambiente de infinitas possibilidades de ir ao encontro com a arte presente na natureza, que já é por si só uma bela arte com suas diversidades, cores, texturas, formas e exuberância. E aproveitar desse espaço para as crianças interagirem com e nele é essencial para a vida e o crescimento desses indivíduos, ainda mais de uma forma lúdica e livre através da arte. Penso que o contato com a terra, a natureza em si é resgate que devemos buscar em nossas vidas sempre para despertar a sensibilidade; e quanto mais cedo o ser possui esse contato, vivencia e enxerga esse espaço como território de saberes e conhecimentos vitais, mais ele aprende a respeitar essa Grande Mãe Terra. O ensino pela arte no caso, é levada também com essa intenção, de despertar a sensibilidade e a criatividade deles e também o cuidado e respeito ao planeta.



Após esse momento de alegria entre as diferentes espécies de plantas, fomos dentro do Chalé novamente para montar nossa mandala com os elementos colhidos no jardim. As crianças montaram suas mandalas de maneira individual e também em duplas e até conosco, que buscávamos incentivá-los na criação intuitiva própria. Os menores ficaram encantados ao ver as mandalas prontas no chão e gostavam de bagunçá-las e se divertirem durante o processo.



neste primeiro encontro.



## 2º Encontro (9.11.2021) BRINCADEIRAS E DANÇAS POPULARES



O segundo e a exibição do encontro, mo do mesmo entusiasmado, novembro, começou com a vivência do primeiro ; atividades na TV da sala crianças se mostraram conhecendo os amigos, relembrando do encontro e comentando com alegria para nós e entre todos. As crianças novas no projeto ficaram eufóricas ao ver tudo o que já tínhamos feito com os colegas. Depois fomos na parte externa da ocupação, e em uma roda, a Bruna apresentou cabaças para as crianças e fez perguntas sobre o conhecimento deles do objeto, e todos também apreciaram e exploraram a sonoridade do instrumento com alegria e muita atenção junto com outros instrumentos presentes na Cultura Popular, como o pandeiro e o caxixi e vivenciaram a musicalização com o fruto dessas cabaças.







### 3º Encontro ( 30.11.21) PLANTAR E BRINCAR COM A NATUREZA



O terceiro encontro teve um pequeno momento precioso da tarde predominou os pe

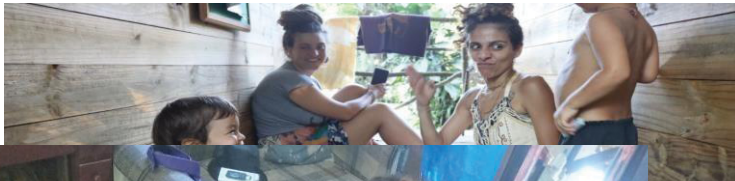
pois a Dayane a atividade da ou momentos quantidade e metade pro fim

da vivência o Pedro e o Bryan apareceram e participaram curiosos e felizes. Começamos com a ida ao canteiro do Terrinha Brincante para plantar sementes de cabaças.



Depois fomos observar os elementos da natureza ao nosso redor e coletar alguns deles, como folhas grandes e médias, sementes, galhos secos e pedras para criarmos brinquedos, seres e o que a nossa imaginação poderia nos oferecer naquele momento. No meio da bagunça criativa com a natureza, criamos brinquedos como barco, espada, máscara, bonecos e outros onde brincamos livremente

sentindo a magia de ser criança, vivendo a presença do momento entre imaginações e risadas.



**Após esses três encontros ocorreram as férias escolares e muitas crianças foram viajar e eu continuei trampos e as demandas da vida e fiz rápidas viagens. Terrinha Brincante também descansou e quando começou a ressurgir movimentos paravoltarmos, sabíamos que não íamos mais ter disponível o Chalé, pois está alugado para estudantes. E assim tivemos a ideia de fazer na Associação dos Moradores da Vila Nova, que já é um espaço comunitário onde ocorre diversas atividades e oficinas de arte, cultura, saúde e lazer para a comunidade e a população no geral de forma gratuita, com auxílio de moradores e estudantes da UFPR e outras pessoas.**

**A primeira mudança do projeto foi o espaço e mesmo assim não queríamos deixar de realizar vivências dentro do território de origem do Terrinha Brincante, então decidimos fazer algumas atividades em dias de sol no local, unindo as crianças dos dois espaços. Pra começar Dayane e Bruna foram conversar com a presidente da Associação, Dona Iara, que sempre gentil e disposta a ajudar na formação das crianças e jovens da comunidade, nos recebeu de braços abertos para o projeto. Ficou decidido por enquanto que os dias de vivências serão de quintas-feiras quinzenais das 15hs às 17hs na Associação. As meninas começaram a primeira ação de 2022 no dia 7 de abril com práticas de cirandas, brincadeiras populares, etc.**

**Eu não pude participar desse encontro, pois no meio do mês de março eu recebi a notícia de chamamento do concurso que fiz para Educadora de Arte aqui do município em 2018. Não tinha**

isso em mente e já estava planejando abrir um espaço de arte para crianças em casa e tentar essa loucura. Mas ao mesmo tempo também esperava que com a “passada” da pandemia e as escolas voltando ao seu novo normal, a lista do concurso seria retomada e assim se fez. Mudou meus planos do momento e comecei a lecionar dia 4 de abril todas as tardes e não poderei participar,

mas com a volta também da escola das crianças da ocupação, muitas estudam nesse período e conversando com as meninas eu busquei a solução de realizar alguns encontros aos sábados, assim eu participo e as crianças que estudam também.

#### **4º Encontro ( 23.04.22) CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, ÁRVORES E ARTES VISUAIS**

A primeira vivência do sábado na ocupação se deu dia 23 de abril com a proposta de levar uma história para contar a eles, sendo um livro antroposófico chamado, Livro da Gratidão, ou De onde é que as coisas vêm, de Luciana Betti. A história conta como que surgiu alguns elementos e objetos essenciais para a humanidade, como o vidro, a cadeira, entre outros. Depois da contação, as crianças foram fazendo perguntas e interagindo sobre a narrativa, sempre apresentando-se curiosos e mostrando conhecimento diante de algumas criações ditas no livro. Depois contei outra história, A Árvore Generosa, que conta toda a generosidade que uma árvore pode dar para o humano, como a sombra, os galhos, os frutos, a madeira e mais. No final, fomos reconhecer espécies de árvores pela ocupação, conversamos sobre elas, com as crianças mostrando e identificando algumas frutíferas. Ainda continuando a vivência, elas fizeram desenhos livres com giz de cera e sulfite sobre as árvores encontradas.

No finalzinho da atividade, a Dayane coletou alguns relatos das crianças sobre as vivências praticadas até o momento, buscando saber o que mais gostaram e de memórias afetivas sobre os encontros e nesse embalo, elas mesmas também registraram os amigos com a câmera, fazendo pequenas entrevistas e registros fotográficos. A vivência terminou assim, com uma troca repleta de curiosidade, imaginação e alegria

contando tudo isso com fotos como podem ver nas fotos abaixo.



07 e 21/05 04/06





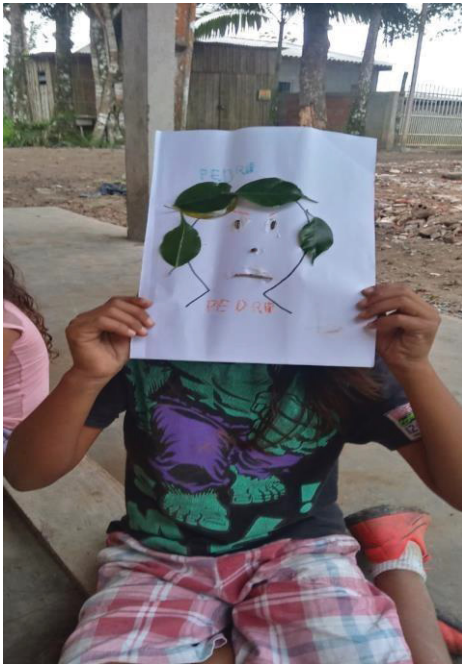
TRA

ar es

da natureza, como sementes de milho, feijão, girassol, gravetos, galhos e folhas de diferentes tamanhos. Ao chegar na Terrinha, comentei com as crianças sobre a proposta do dia que era trabalhar retratos e todos gostaram da ideia. Conversamos sobre o que era retratos e as características de cada rosto ali presente e depois fomos caminhar pelo território atrás desses elementos para a realização da atividade. O passeio foi super agradável, onde curiosos e entusiasmados, me mostravam o que iam encontrando pelo caminho e todos se ajudando, comentando sobre lugares que poderíamos

achar esses elementos.

Depois da coleta de tudo que achávamos que iríamos usar, distribuí uma folha desenhada com o formato de um rosto vazio e cada um foi criando o seu, com olhos de sementes, cabelo de folhas e gravetos, bigode, boca e toda a cara completa. Eles estavam muito felizes realizando a colagem e iam conversando e mostrando o que estavam fazendo pra mim e para os amigos, dando risadas e se ajudando. Perguntei se tinham já feito algo assim e disseram que não e que estavam adorando, inclusive uns fizeram dois rostos.







Nesse encontro perguntaram se podiam me chamar de professora e, eu, é claro, disse queera uma e que poderiam sim, e com os olhos brilhantes, me chamavam de prof., dizendo ainda que não queria que eu fosse embora e que gostariam de ser meus alunos na escola. Esse momento encheu meus olhos de lágrimas e pude ter a certeza de que entre vários caminhos que percorro na minha vida, esse é um dos que sei que estou onde devo estar eseguindo o que vim manifestar de verdade. Mas enfim, continuando as atividades, depois da construção dos retratos e escolha do nome dos personagens criados, fomos buscar galhos médios e pequenos para montar uma varinha mágica com cetim e papel crepom amarrados na ponta, a ideia era nos transformamos em algum objeto, personagem ou animal, onde cada um apontava a varinha para o amigo e dizia palavras mágicas e o que deveriam se transformar.



Esse momento foi de muita bagunça, onde todos puderam além de rir muito, explorar a imaginação. Depois a proposta final era realizar

movimentos livres e espontâneos girando as varinhas no alto e dançando de forma fluída e natural com o brinquedo criado na área aberta da ocupação. As crianças se soltaram de verdade e iam criando movimentos e brincadeiras juntos com muita alegria. Para mim, o Ser Brincante é e deve trazer alegria aos corações das crianças, porque brincar é ser feliz, é ser puro, verdadeiro, é ser criança de verdade e como diz o mestre Paulo Freire, “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”. E é isso que esse encontro me mostrou e é isso que todos os encontros do Terrinha Brincante busca no processo dessa troca de aprendizagens e experiências, ser feliz encontrando a beleza na simplicidade e no lugar em que pertencemos, no nosso território de criação e vida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Chegamos no fim, na verdade, em uma etapa concluída, mas que terá um recomeço, pois a Terrinha Brincante só está começando a viver o seu primeiro quase 1 ano de vida e desejada longa a essa terra fértil, e que se espalhe por diferentes territórios litorâneos, paranaenses e se possível, brasileiros. O que posso dizer em uma breve consideração final é de que pisar nessa terra de brincadeiras populares, de encontro com a natureza e com a arte me faz ter a certeza que um dos caminhos a seguir é esse contato direto tão genuíno e potente com as crianças, com a comunidade e com a educação popular. É entender cada vez mais que essa troca é importante e meu dever pra sociedade, e que o amor de fato mora na simplicidade e na sinceridade da criança. Fazer educação em uma ocupação é oferecer oportunidade de crianças e jovens serem visibilizados e respeitados. É ainda democratizar o conhecimento, é resgatar saberes ancestrais, é lutar e colocar a mão na massa para a construção de uma sociedade mais justa e humanizada, é oferecer oportunidade de classes muitas vezes oprimidas e discriminadas se enxergarem como sujeitos de cultura, valor, sabedoria e aptidões.

Poder trabalhar com a Agroecologia dentro desse espaço é antes de qualquer coisa, fazer com que nós mesmas e as crianças se enxerguem como parte integrante e importante do nosso planeta Terra. É também, saber que temos o dever de respeitar o meio em que vivemos, o lar terreno que moramos e poder aprender e ensinar com e dentro da natureza, como fizemos em muitos encontros do Terrinha Brincante, valorizando o território em que se vive, sabendo aproveitar da sua energia, elementos e troca. Além dos saberes ambientais, resgatamos alguns saberes populares com as crianças, a partir do reconhecimento e conhecimento de ervas medicinais, músicas, ritmos e brincadeiras populares e ainda da Arte e suas diferentes linguagens, como a dança, o teatro, a música e as artes visuais. Eu sempre digo e defendo que explorar a criatividade das crianças é transformador e faz com que cada ser ali se reconheça como artista, porque afinal toda criança é um artista, basta a gente estimular de forma livre e espontânea a sua imaginação. Quando eles vivenciam o processo artístico e depois admiram tanto o deles como os resultados dos amigos, a alegria é contagiante, de poderem ver do que são capazes de materializar. Para quem quiser conhecer um dos resultados desse projeto-sonho-vida que é o Terrinha Brincante, basta acessar o link do teaser <https://www.youtube.com/watch?v=j6NeMh-sLtQ&feature=youtu.be> e ver o documentário desses meses de vivência com as crianças e os jovens.

Por algum tempo eu pensava que não sabia fazer o que faço, que

não tinha recursos, materiais ou conhecimento suficiente, mas a cada encontro eu entendo que basta começar com o que tem e com o que sabe e isso já é grande e gera uma transformação gigante em quem recebe e em mim mesma como mãe e arte-educadora. Aprendo que a construção de uma educação humanizadora, libertária, democrática e alternativa se faz primeiramente a partir da vontade de mudança de cada educador e deve ser feita agora porque se fossemos esperar acontecer o que sonhamos e acreditamos na educação através do macro, iremos com certeza esperar anos para ver algo significativo ou mudar, ou até mesmo nem ver. É triste, mas faz parte da realidade da sociedade capitalista materialista individualista que vivemos. Por isso e acreditamos na mudança, que sejamos parte dela, principalmente na

prática. É clichê, mas sempre digo que a verdadeira revolução primeiro é interna para depois levarmos pra esse mundão que tanto precisa de nós, educadores alternativos de coração gigante e sonhador.

Falando em coração e sonhos, tivemos a finalização da ANE 3 com o especial e histórico encontro da CONANE Caiçara 5 que ocorreu nos dias 23,24 e 25 de junho, na UFPR-litoral, com a vinda de quase todos os estudantes da turma e outros das turmas anteriores e mais alguns maravilhosos palestrantes da educação, além de oficinas para as crianças e adultos, mostra de trabalhos acadêmicos, rodas de conversas, apresentações artísticas e uma feirade artesanato caiçara e alimentação. Eu, inclusive, fui uma das coordenadoras da feira e foi muito significativo fazer parte dessa construção, que sempre me traz memórias especiais da infância, onde eu frequentava feiras de bairro em São Paulo e me aventurava entre as barracas, conhecendo pessoas novas e sentindo a energia vibrante presente nas feiras. Gosto muito de estar nesse meio, fazendo acontecer entre as pessoas e também sei que é um dos caminhos da alma, ser e estar em feiras.

Sobre a CONANE, eu pude participar sexta e sábado e só tenho que agradecer a oportunidade de ter vivenciado momentos tão felizes e motivadores. A conexão com alguns estudantes foi de um amor genuíno muito potente e me fez acreditar ainda mais que nesse caminho não estamos só e que ao lado de outros educadores que pensam semelhante e que fazem projetos maravilhosos, é possível não somente sonhar, mas realizar! Apresentar nosso documentário para as pessoas ao lado das duas guerreiras maravilhosas como a Bruna e a Dayanne foi muito emocionante, me fez sentir o real valor do nosso trabalho, a importância do Terrinha Brincante, para nós e para a comunidade. Lágrimas escorreram antes, durante e depois da apresentação, ao ouvir os aplausos e o reconhecimento de todos. Fez-me compreender que as nossas atitudes no agora valem muito sim e que precisamos agir mesmo diante de algumas inseguranças, pois o mundo lá fora nos espera para ser transformado e alimentado de esperança, solidariedade, muita arte, amor e alegria.

Por isso ainda, enfatizo e finalizo esse texto dizendo que devemos começar agora, com o que temos, em lugares alternativos, com o que sabemos, dentro do micro, e esse micro aos poucos se tornará o macro se assim acreditarmos e continuarmos a lutar e caminhar para essa mudança real e possível. Porque como diz nosso querido Freire, “mudar é difícil, mas é possível”. Assim, as possibilidades de ensinar e transferir conhecimento somos nós que construímos e mudar é

possível sim, basta se unir com quem acredita e fazer acontecer essa real transformação. Ser Terrinha Brincante, estar no Terrinha Brincante é estar realizando um dos sonhos de vida, de missão pessoal e profissional. É enxergar que se eu acredito e quero uma mudança na educação e na sociedade em que vivo, eu preciso não apenas observar de mãos cruzadas, mas agir com fé, alegria, coragem e determinação para ver de fato algo mudar. Ainda como diz Freire, “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”, e uma anda abraçada com a outra e somos nós, educadores da Nova Era que temos o dever de não apenas estar no mundo, mas com o mundo, como ainda afirma nosso mestre da Educação Popular, lutando para que ele se transforme em um mundo moderno mais justo, humanizado, igualitário e feliz para todos os seres.

